

**Éva Sebestyén<sup>1</sup>**

**A história de um manuscrito escrito em Angola. A viagem de László Magyar no interior de África Austral nos anos 1849-57.<sup>2</sup>**

A história das explorações em África está cheia de heróis nacionais com apoio institucional do seu respetivo país de origem e personagens solitárias que se executam viagens sem financiamento institucional nenhum, motivados pelo seu espírito de aventura, vontade de contribuir ao mundo científico e/ ou ao engrandecimento a seu país.

O viajante-explorador húngaro László Magyar pertence a esta última categoria e por ter vindo de um país pobre, comparando com os países em emergência de serem poderes coloniais, mal conhecido e cuja recente história levantou certo interesse e simpatia pela sua guerra de libertação de 1848-49 contra Áustria e ao mesmo tempo cuja língua materna é incompreensível. Magyar “um lobo solitário”, considerado um aventureiro curioso em Europa por ter casado com uma princesa africana e ter adaptado completamente no seu meio africano, tem uma avaliação bem distinta de todos os outros da sua época. Ele despertou interesse primeiro pela sua correspondência enviada à Hungria e traduzida algum para a Real Sociedade de Geografia de Londres.<sup>3</sup> Mas pela barreira linguística das suas publicações escritas em húngaro e por serem fortemente editadas e traduzidas para alemão limitou o seu conhecimento entre os cientistas do mundo científico. Assim havia dois grupos de cientistas que

---

<sup>1</sup> Éva Sebestyén, antropóloga, PhD em Antropologia Social.

<sup>2</sup> Este texto foi apresentado em húngaro na conferência internacional do Bicentenário László Magyar. Devido a presença de vários palestrantes de língua portuguesa achava por bem publicá-lo em português.

<sup>3</sup> O Dr Rónay, membro eminente da emigração húngara em Londres, apresentou umas cartas de László Magyar no encontro de Real Sociedade de Geografia de Londres em tradução inglesa em 14 de Fevereiro de 1853 que foi publicada no jornal da Sociedade acompanhada pelas observações do geógrafo Cooley. RÓNAY & H; COOLEY, W.D. Extracts from the Letters of an Hungarian Traveller in Central Africa. IN: Journal of the Royal Geographical Society of London, 1854, v.24, pp. 271-275.

tinham acesso, os seus contemporâneos húngaros que apreciaram o seu trabalho etnográfico e questionaram o seu conhecimento cartográfico. Havia outro grupo de cientistas que dominava alemão, os geógrafos ingleses e franceses e naturalmente os da língua materna alemã. Este último grupo encabeçado por August Petermann, o editor dos artigos de Magyar e das notícias sobre a atividade de Magyar enviadas pelo editor húngaro János Hunfalvy na base da correspondência que o editor teve com Magyar ou notícias que recebeu a família de Magyar. Na base destas publicações feitas por Petermann, o nome e a atividade de Magyar ficaram conhecidas pelo círculo de leitores e pelo mundo científico dos países europeus sobretudo França, Alemanha, Inglaterra. A sua consideração foi bem distinta. O interesse inglês foi expresso pelo presidente da Real Sociedade Geográfica, Roderick Murchison reconhecendo o valor etnográfico do seu trabalho, e criticando a falta de determinação de posição geográfica e identificação dos instrumentos que utilizava para executar os seus mapas.<sup>4</sup> Esta falha já mencionada pelo editor János Hunfalvy e expressa por August Petermann, mas pelos ingleses foi considerada um erro maior que levou ao desinteresse pelos trabalhos de Magyar. Os franceses, ao contrário aos ingleses acompanharam e traduziam as notícias e os relatórios de viagem de Magyar publicados por Petermann, e vários geógrafos publicaram a sua obra maior de 1857 em forma abreviada. August Petermann considerava importante junto dos seus colaboradores publicar todas as notícias e todos os trabalhos que recebeu traduzidos da Hungria porque achava que apesar das falhas, a contribuição do Magyar é mais importante para exploração geográfica. A receção mais aberta de Magyar aconteceu na França. Tanto os jornais, como os geógrafos mais destacados consideraram de uma maneira integral a vida e atividade de Magyar. Unanimemente todos ficaram fascinados pela figura aventureira de Magyar, seu casamento com a princesa africana, a sua adoção a vida africana. França é o único país estrangeiro que

---

<sup>4</sup> MURCHISON, R. Address to the Royal Geographical Society of London. Anniversary Meeting delivered on 28<sup>th</sup> May of 1866. IN: Journal of Royal Geographical Society, 1866, v. 36. pp. CXIV-CXV.

publicou os artigos em todos os jornais mais importantes do país desde os diários, jornais da capital, do interior até aos boletins especializados em geografia, manuais de geografia, enciclopédias e publicações dirigidas a distração ou até em boletins religiosos (por ex. jesuíta). Portugal limitou-se a publicar a proposta de Magyar sobre a sua pretendida exploração geográfica em África Austral<sup>5</sup> A descrição pormenorizada da decisão positiva feita pelo Conselho Ultramarino encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino<sup>6</sup>e em seguida não chegou a publicar os trabalhos de Magyar utilizando as publicações alemães ou franceses.

### **Trajectoria de Magyar em relação ao manuscrito de 1857.**

Alguns dados importantes sobre o percurso de vida de László Magyar contribuíram para esclarecer a força-motriz que o levava a realizar as suas explorações e os seus escritos sobretudo a sua obra principal, o manuscrito terminado em 1857. Nasceu em 13 de novembro de 1818 em Szombathely, Hungria, como filho ilegítimo de um agrónomo de origem nobre e uma mãe que faleceu três semanas posteriores ao seu nascimento. O pai, no papel de tutor garantia-lhe excelente educação nas escolas dirigidas pelos Padres Pios e uma base científica para as futuras explorações na área de biologia, geografia, línguas, cultura clássica. Graças à biblioteca do Arcebispado de Kalocsa, com uma coleção de centenas de livros de literatura de viagem dos séculos 18 e 19, as obras de Mungo Park, Claperton, Denhan serviram-lhe como exemplos a seguir. Depois de ter uma experiência de trabalho com o seu pai nas propriedades agrícolas ele optou por vida de marinheiro e como aluno privado estudou na escola náutica de Fiúme (hoje Rijeka, na Croácia) e deixou Europa pelo porto austríaco Trieste (hoje na Itália) em 7 de agosto 1843.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> MAGYAR, L.A. Carta ao Governador de Benguella, sobre o interior da África Austral. Gambos, 21 de Março de 1853. IN: Boletim Annaes do Conselho Ultramarino. 1856. Nº2. Parte não oficial. Série I. Fevereiro de 1854 a Dezembro de 1858. Imprensa Nacional, Lisboa, 1858, pp. 237-240.

<sup>6</sup>AHU, CU, Consulta, 1854. Doc. 57.

<sup>7</sup> Journal des Oesterreichischen Lloyd's 1843, nº 63.

Depois de uma vida aventureira de alguns anos ele chega a Angola em 1848 e realiza a sua primeira exploração pelo rio Congo, o relatório desta viagem exploratória é um ponto de viragem do aventureiro-viajante para viajante-explorador. É o seu primeiro trabalho reconhecido pelo mundo científico depois do húngaro foi traduzido para alemão e publicado no mesmo ano 1857 tanto na Hungria como no jornal geográfico Petermanns Geographische Mitheilungen na Alemanha. Depois deste trabalho exploratório ele chegou a Benguela em 9 de dezembro de 1848 (Magyar Ms, 1857, p. I) nos inícios de 1849 segue com uma caravana que está a regressar à sua terra, a Bié onde se estabeleceu e casou com uma das filhas do soba de Bié, Inakulo Ozoro. Recebeu de dote um significativo número de escravos, de caçadores de elefantes e de viajantes. Com este grupo, Magyar realizou várias viagens entre 1850 e 1855 para adquirir marfim<sup>8</sup> para poder financiar as suas viagens exploratórias e cobrir os gastos com os seus escravos.<sup>9</sup> Entre 1850 e 1852, ele esteve nos reinos de Lunda e Lovar, e entre o segundo semestre de 1852 e o primeiro de 1853 visitou o reino Cuanhama, indo além do rio Cubango; e em 1855 regressou a Lunda e Lovar. O resultado destas viagens é igualmente publicado por Petermann em 1858 e 1860 respetivamente e traduzido e publicado em francês pelo geógrafo francês Dinomé

---

<sup>8</sup> Há controvérsias sobre a concorrência entre os Ovimbundu e os sertanejos no comércio de marfim. Maria E. Madeira Santos afirma que com a abolição do tráfico e a diminuição do comércio de escravos foram os sertanejos que organizaram as caravanas para obter marfim. Só depois os Ovimbundu tomaram o lugar dos sertanejos no comércio de borracha. SANTOS, M.E.M.: Viagens e Apontamentos de um Portuense em África. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1986, pp.77-78.

<sup>9</sup> Em carta escrita ao pai de Chah Quilembe (Lunda) no dia 20 de abril de 1851, Magyar afirmou que seu plano estava realizado com o seu estabelecimento, seu casamento em Bié e com contatos comerciais com povos do interior. Afirmou que conseguia fazer as suas viagens de exploração graças ao dote que acompanhava a filha do soba de Bié. Magyar László Délafrikai levelei és naplókivonatai. (Cartas e excertos do diário de László Magyar da África Austral.) Ed. János Hunfalvy, Eggenberger, Pest, 1857, p.16.]

em 1858<sup>10</sup> e 1861<sup>11</sup>. A partir de 1856 deixou a atividade de compra de marfim<sup>12</sup> e adentrou nas lidas da coleta de urzela e da pesca na costa atlântica entre Benguela e Moçamedes com um estabelecimento sede em Lucira.

Devido ao assassinio do seu sogro, o soba do Bié, saiu definitivamente da região e retomou a coleta de urzela junto com os seus escravos, o que constitui a sua atividade principal até o fim da sua vida, com alguns intervalos como as menores viagens exploratórias entre os povos pastores no sertão de Benguela, igualmente publicada por Petermann e traduzido depois para francês pelo geógrafo Dinomé<sup>13</sup>. Depois de Lucira, atuou em Equimina e finalmente mudou para a Ponta de Cuio, onde faleceu a 9 de novembro de 1864.

### **A história do manuscrito de 1857**

Em torno da produção literária de Magyar vê-se duas linhas paralelas a correr. A primeira define-se pelo esforço do Magyar fazer publicar os resultados das suas viagens. A segunda linha é um grupo de pessoas que tentavam ajudar a divulgação dos

---

<sup>10</sup> DINOMÉ, l'abbé. Voyages de Ladislas Magyar dans l'intérieur de l'Afrique Australes en 1848, 1849 et 1852. IN: Nouvelles Annales des Voyages, 1858. n.º.1, pp. 5-54.

<sup>11</sup> DINOMÉ, l'abbé. Nouvelles Informations sur l'intérieur de l'Afrique Australe. Extraits en substance de l'un des deux volumes non édités de la Relation de Ladislas Magyar. IN: Nouvelles Annales des Voyages, 1861, n.º. 2., pp. 79-98.

<sup>12</sup> A mudança de marfim para urzela poderá ter várias explicações. Uma seria a falta de transporte. "Por não se usar animais de carga os pretos andam de pé e carregam tudo nas costas até 100 libras de peso, fazendo 12 milhas geográficas por dia e durante meses. Mas não fui capaz de transportar o marfim ao destino por isto esforcei-me a obter a quantidade suficiente de mercadorias europeias [sobretudo tecidos] para vestir os meus escravos e para continuar a viagem. "Carta de Magyar dirigida ao seu pai, Humpata, 25 de Dezembro de 1853. Magyar László útinaplója és levelei Afrika belsejéből [Diário e cartas de László Magyar na África Austral] Ed. Éva Sebestyén, Balassi & Biblioteca da Academia de Ciências da Hungria, Budapeste, 2008, p. 92.

<sup>13</sup> DINOMÉ, l'abbé. Nouvelles de Ladislas Magyar. IN: Nouvelles Annales des Voyages, 1863 t. 2. pp. 233-236.

trabalhos de Magyar dentro e fora da Hungria. Estes dois eixos funcionavam muitas vezes como causa e efeito começando com os primeiros artigos sobre as viagens de Magyar feitas entre 1849-51 lidos pelo ex-primeiro ministro Bertalan Szemere da guerra de libertação de 1848-49 no seu exílio em Paris. Ele considerou que estes relatos publicados em jornal na Hungria – poderiam servir à “causa húngara”, ou seja, chamar a atenção internacional para o seu país. Através do seu amigo académico Dr. Jácint Rónay em Londres, Szemere conseguiu que certos artigos fossem traduzidos para inglês para requerer o apoio da Real Sociedade Geográfica de Londres no sentido de orientar, financiar e publicar os trabalhos de Magyar das regiões desconhecidas da África Austral. De facto, o amigo conseguiu que uma amostra fosse lida e depois publicada<sup>14</sup> no jornal da sociedade londrina. Em 1856, o presidente Frederick Murchison, numa carta enviada a Magyar por via diplomática, solicitou-lhe uma apresentação pormenorizada com resultados das explorações. Porém, a resposta de Magyar nunca chegou à sociedade.

Outro cruzamento aconteceu em 20 de abril de 1851, quando ele escreve ao seu pai que necessitaria de apoio financeiro de um mecenas húngaro para realizar a travessia de África Austral a partir da costa ocidental do Oceano Atlântico até a costa oriental do Oceano Índico. Acrescenta que ele poderia obter financiamento do governo português, mas nesse caso deveria publicar os resultados em português e não em húngaro. Este plano poderia ter sido seu ou chegou ao seu conhecimento em Benguela a existência de um antigo projeto português de século 18 que já foi de novo mencionado pelo Marques Sá de Bandeira em 1844<sup>15</sup>. Seja como for este desejo de repente se concretizou pela chegada de uma caravana de Zanzibar a Benguela em 1852 para

---

<sup>14</sup> O resumo inglês do *Viagens*, de László Magyar, encontra-se na Real Sociedade de Londres, Coleção de Jornais e Manuscritos. Cota: JMS/2/28. RONAY, Dr. H.: *Travels of Ladislaus Magyar in Central Africa*. Ms.11p.

<sup>15</sup> MOTA, A. Teixeira da, O problema da Travessia em meados do século XIX. As viagens de Ladislaus Magyar (1849-1859). IN: *A Cartografia Antiga da África Central e a travessia entre Angola e Moçambique:1500-1860*. Sociedade de Estudos de Moçambique, Lourenço Marques, 1864.

estabelecer relações comerciais em Angola. Este evento foi interpretado como um desafio a Portugal pelo governador de Benguela, José Rodrigues Coelho do Amaral que imediatamente ofereceu um prêmio a quem fizesse a viagem no sentido contrário, isto é, da costa atlântica à contracosta por terra. Definiu as tarefas a cumprir: redigir um diário e entregar uma carta ao governador-geral de Moçambique, que assim reconfirmaria a realização da travessia por terra. Magyar tomou conhecimento do anúncio e remeteu uma carta ao governador de Benguela e ofereceu-se não só a indicar o caminho mais curto entre Angola e Moçambique, mas também a redigir um livro sobre as suas viagens e elaborar um mapa de Angola, sobretudo da parte que ainda não pertencia a jurisdição colonial.<sup>16</sup> Conhecendo Magyar este anúncio apresentou a sua proposta em 1853 que foi aceite pelo Conselho Ultramarino em Lisboa em 1854 e, nunca se desfez esta aprovação.<sup>17</sup>

Entretanto Magyar só recebeu a decisão em 1855 quando já se comprometeu a publicar o primeiro volume das suas viagens na Hungria. Assim Magyar adiou a proposta portuguesa alegando o seu dever e compromisso patriótico de publicar o manuscrito, primeiramente, pela Academia de Ciências da Hungria.<sup>18</sup> Esta decisão determinou as suas futuras

---

<sup>16</sup> A proposta do Magyar consistia em fazer um relatório sobre duas viagens no interior de África (de Benguela a Bie e daí a Lunda e Lobal, e a outra viagem de Benguela a Cuanhama, além do rio Cubango), um novo mapa do sul do continente africano, corrigindo os erros anteriores e indicar o melhor caminho por terra entre Angola e Moçambique. Gambos, 21 de março de 1853. Carta de Ladislau Amerigo Magyar ao Governador de Benguela sobre o interior da África Austrial. IN: AHU, CU, 1853, d.57.

<sup>17</sup> Foram determinadas condições a cumprir e as gratificações a receber. O fulcro do interesse foi o mapa. Exigiu-se do viajante, antes de contrato, informação, via governadores e engenheiros, uma prova sobre os instrumentos astronômicos que Magyar usaria na definição dos pontos geográficos do mapa. Curiosamente, o motivo original do governo colonial de ter a indicação do melhor caminho por terra entre Angola e Moçambique não fazia mais parte das condições do contrato. A decisão do Conselho Ultramarino entrou em vigor em 20 de abril de 1854. AHU, CU, Consulta, 1854. d. 57.

<sup>18</sup> Magyar solicitou o envio de seu manuscrito de 1857 por obrigações travadas com a Academia Húngara. Depois da publicação húngara, deixava a critério do

possibilidades. A partir do envio do seu manuscrito maior os seus futuros artigos foram igualmente enviados para e exclusivamente à Academia de Ciências da Hungria, rompendo a possibilidade para a publicação portuguesa noutra língua. Graças ao editor húngaro, János Hunfalvy todos os seus futuros relatórios e notícias em forma ligeiramente abreviada foram publicados em alemão, suponho que a mudança editorial foi feita por Petermann quem abreviou também todas as notícias enviadas por Hunfalvy a ele.

### **A rota do envio e a história da publicação do manuscrito**

Magyar entregou pessoalmente o manuscrito em 1857, ao governador de Benguela, que o mandou ao governador geral de Angola. O recebimento do manuscrito havia sido reconfirmado ao governador geral de Angola, José Rodrigues Coelho do Amaral, ex-governador de Benguela, em 31 de julho de 1857.<sup>19</sup> e enviou-o por via diplomática, à Hungria. Em Lisboa o Ministério da Marinha entregou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 16 de outubro de 1857<sup>20</sup>, e este ao embaixador da Áustria em Lisboa, que remeteu ao Ministério dos Negócios Estrangeiros do Império Austro-Húngaro, que reportou, em 29 de novembro de 1857, ao governo do Reino da Hungria; e este, enfim, à Academia de Ciências da Hungria em 5 de dezembro de 1857. Ainda no mesmo mês, com pareceres de dois acadêmicos, o manuscrito foi aceite

---

governo português decidir se a obra satisfazia as condições estabelecidas na proposta de contrato. Benguela, 13 de Junho de 1857. Carta de Ladislau Amerigo Magyar ao governador de Benguela. AHU, Angola, 1857, Correspondência dos Governadores de Angola, doc. 1.

<sup>19</sup> José Rodrigues Coelho do Amaral fora governador em Benguela. Depois governador geral de Angola. Era engenheiro militar de formação foi um seguidor e executor da política colonial de Sá da Bandeira a quem sugeriu a considerar a proposta de Magyar e a impor, como condição, uma prova sobre seus conhecimentos cartográficos. AHU, DGU, Angola, maço 23.2, doc. 17 de agosto de 1857.

<sup>20</sup> Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, correspondência à Embaixada de Áustria, 132; 7: 13.



para publicação, o que se realizou em 1859 em húngaro<sup>21</sup> e em alemão, em Pest<sup>22</sup> com o título e em 1860 em Leipzig<sup>23</sup> (Alemanha) Por reconhecimento de mérito do livro, Magyar foi eleito como membro da Sociedade de Geografia de Viena em 1857 e membro correspondente da Academia de Ciências da Hungria em 15 de Dezembro de 1858<sup>24</sup>. Por causa das mudanças radicais ocorridas na vida de Magyar, (o assassinio do seu sogro, o soba do Bié, que o obrigou a fugir a costa perdendo todos os seus bens) e a falta de resposta por parte da Academia de Ciências da Hungria sobre a aceitação da sua obra para publicação impossibilidade de regresso a Hungria causaram um retrocesso na sua produção literária. Não enviou o segundo e terceiro volume prometidos à Hungria que eram esperados pela comunidade científica nacional e internacional. Mandou só artigos menos elaborados comparando com a sua obra maior e o da Lunda era acompanhando por um mapa das suas viagens como o prémio final da sua atividade científica.

### **Apresentação do manuscrito de 1857.<sup>25</sup>**

Até hoje o manuscrito intitulado “Viagem de László Magyar no interior da África Austral nos anos 1849-57.” é a sua obra maior, guardado em forma encadernada pela Academia de Ciências da Hungria. E de 630 páginas, 504 são enumeradas, o restante são as notas no fim de cada capítulo cujas páginas não tem enumeração. Magyar utilizou o papel de correspondência transparente que

---

<sup>21</sup> Magyar László utazásai Dél-Afrika belsejében az 1849-1857. években. I. kötet (As viagens de Ladislau Magyar na África Austral nos anos 1849-57.) Ed. János Hunfalvy, Eggenberger, Pest, 1859. v. I.

<sup>22</sup> Reisen in Süd-Afrika in den Jahren 1849 bis 1857 von Ladislaus Magyar (As viagens de Ladislau Magyar na África Austral nos anos 1849-57.) Ed. Johann Hunfalvy, Lauffer & Stolp, Pest, e Leipzig, 1859, v. I.

<sup>23</sup> Reisen in Süd-Afrika in den Jahren 1849 bis 1857 von Ladislaus Magyar (As viagens de Ladislau Magyar na África Austral nos anos 1849-57.) Ed. Johann Hunfalvy, Lauffer & Stolp, Leipzig, 1860, v. I.

<sup>24</sup> MTAK Kézirattár, K1366.

<sup>25</sup> O manuscrito encontra-se nos Reservados da Academia de Ciências da Hungria, cota: 13/1858. Földr. 4 rét.

possivelmente recebeu de um dos barcos americanos <sup>26</sup> de caça de baleia que operavam no tempo do Magyar ao longo da costa sul de Angola. Ele deve ter sofrido falta de papel porque igualmente a sua correspondência, era escrita com tinta preta para os dois lados da folha fina e transparente que causa bastante dificuldade na leitura do texto. O manuscrito é acompanhado por 8 imagens e um mapa de 56,4×75,7 cm. 998 exemplares foram publicadas e dois exemplares para edição especial, de capa dourada, um deles destinado e enviado a László Magyar. A Academia realizava intercâmbio com a edição húngara que enviava para cerca de 40 instituições europeias e algumas norte-americanas, enquanto que a distribuição da edição alemã realizada em Pest em 1859 e Leipzig em 1860 não dependia da Academia, mas da casa editorial Lauffer & Stolp. Curiosamente as primeiras apreciações do livro da autoria dos geógrafos estrangeiros baseavam-se na edição alemã realizada na Hungria e os trabalhos posteriores sobre Magyar já usavam a edição alemã publicada na Alemanha. Dinomé<sup>27</sup> usava a edição alemã publicada na Hungria em 1859 e Onésime Reclus<sup>28</sup> a edição alemã de Leipzig em 1860. Ambos publicaram a versão alemã numa forma abreviada em francês.

O manuscrito é dividido num prefácio feito pelo autor, 10 capítulos e um anexo que serviria como fecho do manuscrito que é composto de vários tipos de registo feito por Magyar. Os primeiros 6 capítulos baseiam-se no diário de Magyar dirigido na sua viagem de caravana e estabelecimento em Bié no ano 1849 e supostamente completado pelas novas experiências desta viagem repetida várias vezes até a final do manuscrito realizado em 1857. O capítulo 7 e 8 formam um conjunto de uma pequena monografia etnográfica que não só tenta sistematizar a vida

---

<sup>26</sup> Cada folha tinha um carimbo de selo branco com o símbolo oficial da Independência Americana, a *águia-careca*, (*Haliaeetus leucocephalus*) Agradeço a Dr. Sílvio Costa, diretor dos Reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto por ter identificado a imagem do selo branco.

<sup>27</sup> DINOMÉ, l'abbé. Résumé des voyages exécutés dans l'Afrique de 1849 à 1857. par Ladislas Magyar. IN: Nouvelles Annales des Voyages, 1861 n°.1, pp.5-45 e pp.129-181.

<sup>28</sup> RECLUS, O. Voyage de Ladislas Magyar dans l'Afrique Australe. IN: Revue Moderne, 1868, v.44,

quotidiana dos bienes a partir das atividades principais, agricultura, comércio a longa distância, mas debruça-se sobre a estrutura social, com destaque à escravidão doméstica. A sua observação perspicaz afirma que o processo de ser escravo, e a causa principal da escravidão que são consequência de processos jurídicos ligados sobretudo ao crime de feitiçaria e dívida não compensada. Além de resumir o sistema religioso bieno ele oferece uma descrição bem ampla sobre o trabalho do tribunal bieno, a tentativa de sistematização dos crimes vistos pela sociedade biena e as suas compensações.

O manuscrito ainda é completado por uma pequena introdução à gramática, ao vocabulário quotidiano da língua Umbundu e um trabalho guia como se organiza uma viagem de caravana. Considerando a sua obra maior convém citar outras qualidades deste manuscrito. O capítulo 9 dedica-se a apresentação estatística e demográfica de todos os reinos Ovimbundu com as suas características geografias, montanhas, rios, lagos, número da população, subdivisões administrativas, e um trabalho adicional sobre a navegabilidade dos rios e conselho de colonização convertida em vez da costa ao interior, primeiro o interior a gradativamente chegando á costa atlântica. Existe ainda um pequeno guia de interpretar o mapa anexo, que apesar das críticas de século 19 que Magyar não ter feito as determinações das posições geográficas este mapa é bem reconhecido nos séculos 20 e 21 por causa da densidão do registo das ocorrências geográficas do sistema hidrográfico, das populações registadas sempre pelos nomes africanos localmente usados.

Para finalizar a história do manuscrito de 1857 e mais ainda as suas publicações com fortes interferências editoriais necessitam de muitos esclarecimentos adicionais. Entre eles vou destacar três casos que aparecem frequentemente até nas obras mais recentes sobre Magyar. No século 19 os autores unanimemente usavam o termo “Kimbundu” para o corrente uso do grupo étnico “Ovimbundu”. A denominação da língua tem-se mantido “Umbundu” tanto no século 19 como nos séculos posteriores. A confusão atual com o termo “Kimbundu” baseia-se no seu uso a partir do século 20 quando se referia exclusivamente à língua do

grupo étnico “Ambundu” que vive ao norte dos “Ovimbundu”. Magyar usava a forma latinizada “Kimbundus” no seu manuscrito para os presentes “Ovimbundu” e o seu editor e tradutor Hunfalvy adotou o termo “Kimbunda”.

A outra questão é o número de manuscritos da sua obra maior que Magyar enviou à Hungria em 1857. Na sua carta dirigida ao governador de Benguela em 9 de Junho de 1857 para solicitar o envio do seu manuscrito à Hungria, menciona o seu plano de escrever o seu livro em “três partes”, no sentido de três volumes e o manuscrito enviado é “a primeira parte” da sua obra. O leitor desta carta em Portugal, o presidente do Conselho Ultramarino, Marques Sá da Bandeira tendo o hábito de anotar nas margens dos documentos que recebeu, interpretou a três partes como três unidades e escreveu na margem da carta, “3 livros”. Este documento do Conselho Ultramarino chegou à Hungria numa cópia já datilografada e o tradutor húngaro interpretou-a que Magyar enviou 3 livros à Hungria. Em seguida esta tradução foi publicada na obra principal sobre Magyar escrito por Gusztáv Thirring<sup>29</sup> e ficou como referência inexplicável para os pesquisadores húngaros querendo saber onde estão os outros dois livros. Através de uma pesquisa sobre o documento original<sup>30</sup> que se encontra no Arquivo Histórico Ultramarino eu consegui desvelar esta dúvida. O manuscrito enviado foi a primeira parte das três partes sobre os Ovimbundu (Kimbundus de Magyar) que ele enviou à Hungria, e os restantes para serem enviadas, eram a segunda parte sobre os NGanguela e a terceira sobre os povos dos “desertos” de Mombuela.

Por final deve-se debruçar sobre a necessidade de publicar o manuscrito de Magyar na sua íntegra em vez de reeditar o texto editado de 1859. A edição húngara de 1859 sofreu uma significativa interferência pelo trabalho editorial de János

---

<sup>29</sup> THIRRING, G. Magyar László élete és tudományos működése, (Vida e atividade científica de László Magyar ) Magyar Földrajzi Társaság, Budapest, 1937.

<sup>30</sup> Carta de László Magyar ao governador de Benguela. Benguela, 9 de Junho de 1857. IN: AHU, Correspondência dos Governadores de Angola, 1857, doc. 1.

Hunfalvy. Ele tentou transformar o texto fresco, dinâmico de Magyar que passava bem para descrever a vida quotidiana africana para uma linguagem literária mais adequada aos critérios editoriais da Academia. A edição alemã sofreu ainda uma maior transformação com corte de parágrafos, notas importantes, expressões e termos em Umbundu. Assim qualquer futura edição da obra maior de Magyar e dos seus outros trabalhos sejam em húngaro ou em outro idioma deveriam usar exclusivamente a transcrição fidedigna do manuscrito original.

## **Epílogo**

Fecharei este artigo com a melhor avaliação de Magyar feita por Richard F. Burton.

Este trabalho não é de um explorador ou um viajante, mas de alguém que se estabeleceu e viveu a sua vida num exílio por ele escolhido e aí faleceu. Na sua obra, não há nenhum traço de tensão ou pressa tão característicos dos viajantes. O autor confessa que não tinha nenhum livro a sua disposição que podia ter ajudado o seu trabalho. Daí que vem a originalidade da sua obra até direi, a fidedignidade. Ele alimenta-se da natureza e este modo de vida atrativo é refletido nos seus escritos. Conta até o dia a dia sem eventos, com fantástica frescura e ingenuidade. Descreve o quotidiano do seu lar africano como se passou na realidade. Estas descrições feitas com simplicidade e de fácil entendimento vão levar o leitor a entender muito melhor o Continente Negro como qualquer trabalho científico.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> BURTON, R. F. Ladislaus Magyar: His Residence in South Africa. IN: Metcalf BURTON Collection. Huntington Library. RFB 1394 (1-3). p. IV.-